

Avaliação da linguagem em crianças com medida de Acolhimento Residencial na Região Norte

Sandra Miranda (0000-0003-3336-4268) *,

Anabela Cruz-Santos (0000-0002-9985-8466) **

*Instituto de Educação – Universidade do Minho, Portugal, **Centro de Investigação em Estudos da Criança- Instituto de Educação – Universidade do Minho, Portugal

Contacto: Sandra Miranda, email: isabelmanhente@gmail.com

Resumo

O desenvolvimento adequado da linguagem é reconhecido como sendo elementar para que a criança desenvolva aprendizagens e competências sociais, emocionais e comunicativas em contextos inclusivos. A finalidade deste estudo exploratório consistiu em avaliar a linguagem de crianças de ambos os géneros, que frequentavam desde o ensino pré-escolar ao 3º ciclo do ensino básico e que estivessem abrangidos pela medida de acolhimento residencial. Os participantes a quem foi aplicada a Grelha de Observação da Linguagem (GOL-E, 2ª Edição) de Sua-Kay e Santos (2014), distribuíram-se pela faixa etária dos seis aos doze anos e habitavam na região norte de Portugal. A partir dos resultados obtidos verificou-se que dos trinta e cinco participantes apenas três se encontravam no Percentil 50 ou acima deste (os únicos em valores expectáveis para a sua faixa etária). Constatou-se que a idade e o nível de escolaridade têm influência nos resultados da avaliação da linguagem nas crianças avaliadas, nomeadamente nos Totais da I estrutura – semântica, da II estrutura – morfológica, da III estrutura – fonológica e no total das estruturas da GOL-E. Se tivermos em consideração que os valores máximos de avaliação da GOL-E se situam nas idades compreendidas entre os 9-10 anos, observamos que estas onze crianças com faixa etária 11-12 se situavam bastante abaixo do pretendido. Os participantes obtiveram resultados preocupantes, sendo o seu desempenho inferior ao estabelecido nas normas do instrumento GOL-E. Este estudo evidencia a situação crítica de alunos em idade pré-escolar e escolar com perturbações da linguagem sem referência nem sinalização no sistema educativo.

Palavras-chave: perturbações da linguagem; avaliação; linguagem; acolhimento residencial.

Language assessment in children in residential care in the Northern Region

Abstract

The adequate development of language is recognized as being elementary for children to develop social, emotional and communicative learning and skills in inclusive settings. The purpose of this exploratory study was to assess the language of children of both genders, from preschool to elementary school, who were in residential care. The participants to whom the Language Observation Grid (GOL-E, 2nd Edition) of Sua-Kay and Santos (2014) was applied were aged between six and twelve years old and lived in the northern region of Portugal. From the results obtained, it was found that of the thirty-five participants, only three were at or above the 50th percentile (the only ones with expected values for their age group). It was found that age and schooling level have an influence on the results of the language evaluation in the children evaluated, namely in the Totals of the I - semantic structure, of the II - morphological structure, of the III - phonological structure and in the total of the structures of the GOL-E. If we take into consideration that the maximum values of the GOL-E evaluation are in the ages between 9-10 years, we observe that these eleven children with age range 11-12 were well below the intended. The participants achieved worrisome results, with their performance being below the standards set forth in the GOL-E instrument. This study highlights the critical situation of preschool and school age students with language disorders without referral or identification in the educational system.

Keywords: language disorders; assessment; language; residential care.

A literatura destaca que o desenvolvimento da linguagem é condição para a aquisição das habilidades de leitura e escrita, sendo estas, por seu turno, requisitos para um desempenho escolar satisfatório (França et al., 2004). Por essa razão, muitas pesquisas

procuram avaliar se, e como, a aprendizagem da linguagem ocorre, seja no contexto familiar (Hart e Risley, 2000), seja no contexto escolar (Oliveira et al., 2016).

As alterações no desenvolvimento da linguagem são alvo de preocupação por parte dos profissionais de educação e de saúde, uma vez que estas podem desencadear posteriores dificuldades de aprendizagem. Desta forma, a literatura evidencia a necessidade de que as mesmas sejam identificadas de forma precoce (Ferracini et al., 2006; Schirmer et al., 2004), e que sejam feitas propostas para dar resposta a eventuais “atrasos” ou lacunas na aquisição de vocabulário pelas crianças (Hindman et al., 2016).

Conforme a literatura tem demonstrado, é essencial a identificação precoce, assim como a prevenção de dificuldades no desenvolvimento da linguagem. Dificuldades essas (no desenvolvimento da linguagem) que dependem de uma complexa interação entre fatores de risco e de proteção. Conhecer quais os fatores envolvidos são imprescindíveis para a formulação de propostas que visem um desenvolvimento adequado da linguagem (Ferracini et al., 2006; Schirmer et al., 2004).

Em Portugal, não existem estudos sobre as características da linguagem em crianças de risco. Os mesmos seriam cruciais para se perceber quais as repercussões e necessidades que estas crianças possuem, nomeadamente, a nível linguístico. Como nos referem diversos estudos, e como mencionado anteriormente, as dificuldades no desenvolvimento da linguagem devem ser identificadas de forma precoce tendo em consideração que estas podem interferir nos aspetos sociais e escolares da criança (Hage et al., 2004).

As perturbações da linguagem são também associadas na literatura a dificuldades psicossociais como: baixa autoestima, isolamento social e ansiedade. Esta perturbação situa-se entre as mais frequentes, atingindo 3 a 15% das crianças (Schirmer et al., 2004).

De forma a caracterizar o perfil linguístico das crianças com medida de acolhimento residencial, foi realizado um estudo exploratório na região norte de Portugal com crianças do ensino pré-escolar ao 3º ciclo do ensino básico que se encontravam em situação de risco.

Método

O presente estudo consistiu numa investigação de natureza quantitativa que teve como finalidade a caracterização do perfil linguístico das crianças em idade pré-escolar e escolar. A amostra integra trinta e cinco participantes de ambos os géneros com idades compreendidas entre os seis e os doze anos que habitam na região norte de Portugal e se encontram com medida de acolhimento residencial. Estas crianças de desenvolvimento típico, encontravam-se em situação de risco.

Para a realização da recolha de dados desta investigação, recorreu-se à Grelha de Observação da Linguagem (GOL-E, 2ª Edição), de Eileen Sua-Kay e Maria Emília Santos (2014). Esta avaliação destina-se a crianças entre os 5 anos e 7 meses e os 10 anos e tem como objetivo a averiguação do estado de desenvolvimento da linguagem a fim de identificar as suas possíveis perturbações. Está dividida em três estruturas linguísticas – semântica, morfossintaxe e fonologia – e cada uma delas inclui várias provas.

A análise da consistência interna deste instrumento foi realizada pelo “coeficiente de fiabilidade alfa de Cronbach, relativamente às respostas dadas para cada uma das estruturas que compõe a GOL-E” (Kay e Santos, 2014, p.17). Através deste, foi possível aferir que o instrumento se demonstra como fiável para avaliar o desenvolvimento da linguagem. Desta forma, é possível comparar os resultados com os que foram obtidos na validação da GOL-E em diversas regiões do continente e cujos valores servem de referência para as mesmas faixas etárias utilizadas neste estudo.

O procedimento de recolha de dados foi iniciado pela recolha das autorizações junto dos diretores técnicos / responsáveis de cada casa de acolhimento residencial. Depois de assinadas as respetivas declarações, iniciou-se a recolha de dados. A recolha dos dados foi efetuada nas instituições sociais onde as crianças habitavam, numa sala individualizada. Com uma duração máxima de 30 minutos, a linguagem das crianças foi analisada individualmente e numa única sessão. Antes de dar início à aplicação da GOL-E (2ª Edição), foi sempre referenciado através de um exemplo aquilo que era pretendido. Todas as respostas foram registadas em formato áudio e posteriormente transcritas e cotadas de acordo com os critérios estipulados pelas autoras.

Para a abordagem quantitativa e o tratamento dos dados estatísticos obtidos foi utilizado o IBM SPSS *Statistics 26.0 - Statistical Package for the Social Science*. Os resultados foram obtidos através da utilização de métodos de estatística descritiva e avaliados mediante o método de estatística inferencial. Esta última, permitiu avaliar as diferenças da pontuação da GOL-E (2ª Edição) nas variáveis idade, tipo de acolhimento residencial, género, nível de ensino (educação pré-escolar e ensino básico) e distrito. Similarmente a informação relativa a cada estrutura linguística – semântica, morfossintática e fonológica – foi avaliada tendo em consideração a faixa etária do participante.

Resultados

Os dados obtidos foram inseridos e analisados pelo *Statistical Package for the Social Sciences 26.0 (SPSS)* recorrendo à estatística descritiva. Os mesmos demonstram que dos trinta e cinco participantes, apenas três se encontram no Percentil 50 ou acima deste. No que concerne à estrutura semântica, constatou-se que doze crianças atingiram o Percentil 5, nove crianças o Percentil 10, cinco crianças o Percentil 25, cinco crianças o Percentil 50, três crianças o Percentil 75 e uma criança o Percentil 90.

Já no que respeita à estrutura morfossintática, onze crianças obtiveram o Percentil 5, quinze crianças o Percentil 10, três crianças o Percentil 50 e uma criança o Percentil 75. Na estrutura fonológica, vinte crianças alcançaram o Percentil 50, cinco crianças o Percentil 25, quatro crianças o Percentil 75, duas crianças o Percentil 5 e duas crianças o Percentil 90.

Analisando o instrumento GOL-E na sua globalidade, assevera-se que doze crianças se encontram no Percentil 5, doze crianças no Percentil 25, oito crianças no Percentil 10; uma criança no Percentil 50, uma criança no Percentil 75 e uma criança no Percentil 90. Estes três últimos participantes são os únicos que se encontram no percentil esperado para a sua faixa etária. Com a aplicação do instrumento, foi também possível verificar que a idade e o nível de escolaridade têm influência nos resultados da avaliação da linguagem nas crianças avaliadas, nomeadamente nos Totais da I estrutura – semântica, da II estrutura – morfológica, da III estrutura – fonológica e no total das estruturas da GOL-E.

Tabela 1

Análise Inferencial – ANOVA Variável Idade na I Estrutura - Semântica

I – Estrutura Semântica (Total)	Soma	dos	df	Quadrado Médio
Entre Grupos	1900,348		6	316,725
Nos Grupos	670,395		28	29,943
Total	2570,743		34	
I – Estrutura Semântica (Percentil)				
Entre Grupos	4433,988		6	738,998
Nos Grupos	17206,012		28	614,500

Tabela 2

Análise Inferencial – ANOVA Variável Idade na II Estrutura - Morfológica

II – Estrutura Morfológica (Total)	Soma	dos	df	Quadrado Médio
Entre Grupos	3095,210		6	515,868
Nos Grupos	1070,962		28	38,249
Total	4166,171		34	
II – Estrutura Morfológica (Percentil)				
Entre Grupos	2521,071		6	420,179
Nos Grupos	6703,214		28	239,401

Tabela 3

Análise Inferencial – ANOVA Variável Idade na III Estrutura - Fonológica

III – Estrutura Fonológica (Total)	Soma Quadrados	dos df	Quadrado Médio
Entre Grupos	1008,388	6	168,065
Nos Grupos	244,298	28	8,725
Total	1252,686	34	
III – Estrutura Fonológica (Percentil)			
Entre Grupos	5155,476	6	859,246
Nos Grupos	10541,667	28	376,488

Tabela 4

Análise Inferencial – ANOVA Variável Idade nas Estruturas da Grelha de Observação da Linguagem (GOL-E)

Total GOL-E	Soma Quadrados	dos df	Quadrado Médio
Entre Grupos	15874,252	6	2645,709
Nos Grupos	2971,633	28	106,130
Total	18845,886	34	
Total – Percentil GOL-E			
Entre Grupos	3967,679	6	661,280
Nos Grupos	8599,464	28	307,124

Tabela 5

Análise Inferencial – ANOVA Variável Escolaridade na I Estrutura - Semântica

I – Estrutura Semântica	Soma	dos	df	Quadrado Médio
(Total)				
Entre Grupos	1840,862		7	262,980
Nos Grupos	729,881		27	27,033
Total	2570,743		34	
I – Estrutura Semântica				
(Percentil)				
Entre Grupos	6300,119		7	900,017
Nos Grupos	15339,881		27	568,144

Tabela 6

Análise Inferencial – ANOVA Variável Escolaridade na II Estrutura - Morfológica

II – Estrutura Morfológica	Soma	dos	df	Quadrado Médio
(Total)				
Entre Grupos	2965,314		7	423,616
Nos Grupos	1200,857		27	44,476
Total	4166,171		34	
II – Estrutura Morfológica				
(Percentil)				
Entre Grupos	2686,190		7	383,741
Nos Grupos	6538,095		27	242,152

Tabela 7

Análise Inferencial – ANOVA Variável Escolaridade na III Estrutura - Fonológica

III – Estrutura Fonológica (Total)	Soma	dos	df	Quadrado Médio
Entre Grupos	1015,471		7	145,067
Nos Grupos	237,214		27	8,786
Total	1252,686		34	
III – Estrutura Fonológica (Percentil)				
Entre Grupos	4766,786		7	680,969
Nos Grupos	10930,357		27	404,828

Tabela 8

Análise Inferencial – ANOVA Variável Escolaridade nas Estruturas da Grelha de Observação da Linguagem (GOL-E)

Total GOL-E	Soma	dos	df	Quadrado Médio
Entre Grupos	15788,457		7	2255,494
Nos Grupos	3057,429		27	113,238
Total	18845,886		34	
Total – Percentil GOL-E				
Entre Grupos	4202,857		7	600,408
Nos Grupos	8364,286		27	309,788

Se considerarmos que os valores máximos de avaliação da GOL-E se situam nas idades compreendidas entre os 9-10 anos, observamos que estas onze crianças com faixa etária 11-12 se situavam bastante abaixo do pretendido. Um dos participantes, com 11 anos, alcançou o Percentil 10 e três participantes obtiveram o Percentil 25. Das crianças com 12 anos, uma atingiu o Percentil 90, uma o Percentil 75, quatro o Percentil 25 e uma o Percentil 5.

Tendo em consideração os valores normativos da GOL-E, o facto de uma criança com doze anos ter atingido o Percentil 5, é considerado extremamente grave.

Discussão

Estes resultados evidenciam que estas crianças estão expostas à aprendizagem de conteúdos académicos sem uma base linguística consolidada e bem apreendida. A amostra que integra a faixa etária dos 11 aos 12 anos revela perturbações da linguagem. Ao ser avaliada pela GOL-E e tendo em consideração que a avaliação desta só é realizada até aos 10 anos de idade, estes participantes obtiveram resultados inferiores ao que seria expeável para a faixa etária compreendida entre os 9-10 anos, idade máxima de avaliação do instrumento.

Das onze crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos a quem foi aplicada a GOL-E só uma atingiu o Percentil 90 e outra o Percentil 75. As restantes foram-se distribuindo pelos percentis 10 e 25.

É importante ainda evidenciar que uma criança com 12 anos obteve o Percentil 5. Esta obtenção de resultados é extremamente grave, pois para a faixa etária dos 9-10 anos, é esperado que os participantes atinjam o Percentil 50.

Com este estudo, verificou-se a existência de uma falha na identificação precoce e a falta de apoio existente para estas crianças nas áreas essenciais para a aprendizagem da leitura e da escrita. A literatura refere que as crianças com perturbações da fala ou da linguagem constituem um dos grupos que estão maioritariamente incluídos na sala de aula regular (Charlot, 2000) e, por este motivo, Cruz-Santos (2002) realça a importância do papel dos profissionais que “sejam capazes de identificar este tipo de problemas, que estejam familiarizados com as suas causas comuns dos problemas de comunicação, que detetem a seriedade dos problemas” (p. 27).

Este grupo de alunos em risco educacional “possui um conjunto de necessidades educativas especiais que devem merecer a maior atenção por parte do professor do ensino regular, sob pena de, se assim não for vir mais tarde a experimentar insucesso escolar” (Correia, 2013).

É necessário identificar o mais precocemente possível, recorrendo-se a uma avaliação especializada (Correia, 2010), pela equipa multidisciplinar. “Caso contrário, se a escola simplesmente ignorar os problemas específicos de cada um destes alunos, então não está a respeitar os seus direitos, nem o princípio da igualdade de oportunidades, pedra angular de uma educação de qualidade” (Correia, 2013).

Após identificação das dificuldades estes alunos poderão aceder aos meios disponibilizados pela escola para potencializarem as suas aprendizagens, através da mobilização de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, que devem ser acionadas de acordo com as necessidades e características dos alunos, delineadas no DL nº 54/2018 de 6 de julho que tem como “finalidade garantir o acesso ao currículo” por todos os alunos e no Manual de Apoio à Prática à Educação Inclusiva (Pereira et al., 2018).

“Deste modo, cabe ao professor do ensino regular a responsabilidade de responder às necessidades dos alunos em risco, tendo, muitas vezes, em termos académicos, de recorrer a um conjunto de modificações ambientais e adaptações curriculares que se coadunem com as suas características ou, ainda, de se apoiar nos conhecimentos de outros agentes educativos ex.: professor de educação especial, psicólogo) como consultores para a elaboração de intervenções efetivas que levem ao sucesso desejado” (Correia, 2017).

São necessários mais estudos relativamente ao desenvolvimento da linguagem e repercussões sentidas pelas crianças em situação de risco educacional, bem como a aplicação de instrumentos de avaliação de forma periódica e precoce a fim de avaliar e identificar as crianças com dificuldades. Quanto mais prematuramente atuarmos, mais cedo conseguiremos detetar possíveis perturbações da linguagem e auxiliar os alunos no seu caminho para o êxito escolar e não para o insucesso. Uma avaliação e intervenção realizadas numa fase primária dará ao aluno um maior e melhor acompanhamento.

Conclusão

Na sociedade contemporânea, sabe-se que as dificuldades na linguagem podem ter impacto negativo na aprendizagem da leitura e escrita. Se não forem alvo de intervenção, estas podem vir prejudicar o desempenho escolar das crianças e jovens. Para que isso não suceda, é de extrema importância que as alterações deste foro sejam detetadas tão precocemente quanto possível. A implementação de um rastreio inicial em cada ano letivo serviria o objetivo de despistar alunos com possíveis dificuldades nestas áreas. A identificação e intervenção precoce das perturbações da linguagem permitiria identificar os sinais de alerta e implementar formas de suporte e estratégias de programas de promoção das áreas.

Assim, como forma de atuação preventiva implementar-se-iam instrumentos de avaliação. Rompendo com paradigmas impostos há décadas, podemos responder melhor às necessidades de cada criança contribuindo eficazmente para o seu sucesso.

Referências

- Bernstein, D. K. (2009). *Language and communication disorders in children* (6ª ed.). Pearson/Allyn and Bacon Publishers.
- Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber - Elementos para uma teoria*. Artmed.
- Cruz-Santos, A. (2002). Problemas de comunicação em alunos com necessidades especiais: Um contributo para a sua compreensão. *Inclusão*, (3), 21–38.
- Dowdy, C. A., Smith, T. E., Polloway, E. A., Patton, J. R., & Doughty, T. T. (2015). *Teaching students with special needs in inclusive settings, loose-leaf version*. Pearson.
- Decreto-Lei nº54/2018. (2018). Diário da República: I Série, nº129/2018. <https://dre.pt/application/conteudo/115652961>
- Ferracini, F., Capovilla, A., Dias, N., & Capovilla, F. (2006). Avaliação de vocabulário expressivo e receptivo na educação infantil. *Revista Psicopedagogia*, 23(71), 124–133.

- França, M., Wolf, C., Moojen, S., & Rotta, N. (2004). Aquisicao da linguagem oral: Relacao e risco para a linguagem escrita. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 2 B(62), 469–472.
- Hage, S. R. V., Joaquim, R. S. S., Carvalho, K. G., Padovani, C. R., & Guerreiro, M. M. (2004). Diagnóstico de crianças com alterações específicas de linguagem por meio de escala de desenvolvimento. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 62(3a), 649–653. <https://doi.org/10.1590/s0004-282x2004000400015>
- Hart, B., & Risley, T. R. (200). *Meaningful differences in the everyday experience of young American children*. Brookes Publishing Co.
- Hindman, A. H., Wasik, B. A., & Snell, E. K. (2016). Closing the 30 million word gap: Next steps in designing research to inform practice. *Child Development Perspectives*, 10(2), 134–139. <https://doi.org/10.1111/cdep.12177>
- Lemos, M. S. (2012). *A escola dos alunos institucionalizados: Comportamentos e atitudes* [Master's thesis]. uBibliorum. <http://hdl.handle.net/10400.6/2790>
- Correia, L. (2010). *Educação especial e inclusão quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto Editora.
- Correia, L. (2013). *Inclusão e necessidades educativas especiais: Um guia para educadores e professores* (2ª ed.). Porto Editora.
- Correia, L. (2017). *Fundamentos da educação especial: Guia prático para educadores e professores*. Flora Editora.
- Oliveira, K. R. S. d., Aquino, F. D. S. B., & Salomão, N. M. R. (2016). Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos dos educadores. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(3), 457-472. <https://doi.org/10.12804/apl34.3.2016.02>
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (2018). *Para uma educação inclusiva -- Manual de apoio à prática*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Schirmer, C. R., Fontoura, D. R., & Nunes, M. L. (2004). Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 95–103. <https://doi.org/10.1590/s0021-75572004000300012>

Silva, S. S. C. D. d. (2014). *Aquisição da linguagem em função do contexto: Uma análise contrastiva: creche e família* [Master's thesis]. RepositóriUM – Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/29251>

Sua Kay, E., & Santos, M. E. (2014). *GOL-E – Grelha de Observação da Linguagem – Nível Escolar – Revista* (2ª ed.). Oficina Didáctica.

Agradecimentos: Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.